

MEU CORPO EM OUTROS TERRITÓRIOS: UMA PRÁTICA POR MEIO DA ARTE POSTAL

OLÍVIA GODOY COLLARES¹; ANA MAIO²

¹Universidade Federal de Pelotas – oliviagodoy@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anazfmaio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como é existir dentro desse meu corpo? Cada vez que produzo um objeto artístico, eu me desfaço. Sim, pelo menos um pedaço do meu corpo não tá mais comigo, tá transitando pelo mundo. Está se movimentando sem mim, sem depender das minhas pernas, dos meus braços, do meu querer. E eu fico como, sem um pedaço do meu corpo? Acho que depois do acontecimento, aos poucos, vou me enchendo com outros corpos, outros pedaços, outros afetos. E assim, talvez, somente talvez, eu não fique com um buraco, um vazio, um pedaço faltando.

E vou bebendo de outros, para matar minha sede de querer. Quais os trânsitos que me fazem sentido? Qual o meu território? Jean Lancri (2002) nos disse para começar a partir do meio, e cá estou. No meio do caos. No meio onde quase tudo ainda é pergunta, quase tudo está sendo descoberto e quase tudo ainda é incerto. Voltando ao território, Marina Saraiva (2012) em seu artigo sobre território, nos conta que para Deleuze e Guattari (1997), o território é um espaço subjetivo; podendo se compreender o lugar onde o indivíduo se sente “em casa”, pertencente.

Meu território, minha casa, meu lar. É importante se atentar aos detalhes, o que me levou a ser esse corpo sensível, que sente necessidade em se deslocar. Cresci em volta da natureza, herdei dos meus pais esse gosto pelas coisas cotidianas. Sentir o espaço, me ativa um processo de observância das coisas corriqueiras, este processo invade e atinge meu corpo, encontrando com minhas vísceras, ossos e sangue; talvez, tais deslocamentos, sejam o âmago dos meus processos artísticos.

Adiante, quando penso em território, não consigo deixar de pensar em cotidiano. Meu território tem como estrutura um conjunto de pequenas coisas do meu cotidiano. O que seria meu pequeno território? Aquele em que somente eu tenho acesso, no qual me identifico e me faço pertencente. Esse espaço livre para a criação, campo da produção de pensamento. Como poderia entender ele como um objeto artístico?

2. METODOLOGIA

A partir desse amontoado de reflexões, todas entrecruzadas divagando sobre minha pele, desenvolvi a produção artística *Desvios de Mim*. Meu pequeno território transita por outros territórios, sente uma necessidade pulsante em tocar outros corpos, outros olhares. O meu território se faz em outros territórios, coexistindo juntos. *Desvios de Mim* se materializou em uma arte postal, carregando consigo a natureza do trânsito, do caminhante, do viajante, do movimento.

Desvios de Mim (figura 1) tem um ponto que me é latente: sua estrutura é baseada num rasgo, num furo, queimado. A criação do postal foi pensada para

receber essa fissura. Suas percepções visuais são significativas. Esse rasgo, feito primeiramente com agulha e depois fogo, pode ser entendida de inúmeras formas. O maior propósito está na fenda entre o que é concreto e dado e o acesso ao outro lado, podendo o objeto ser afetado por outros.

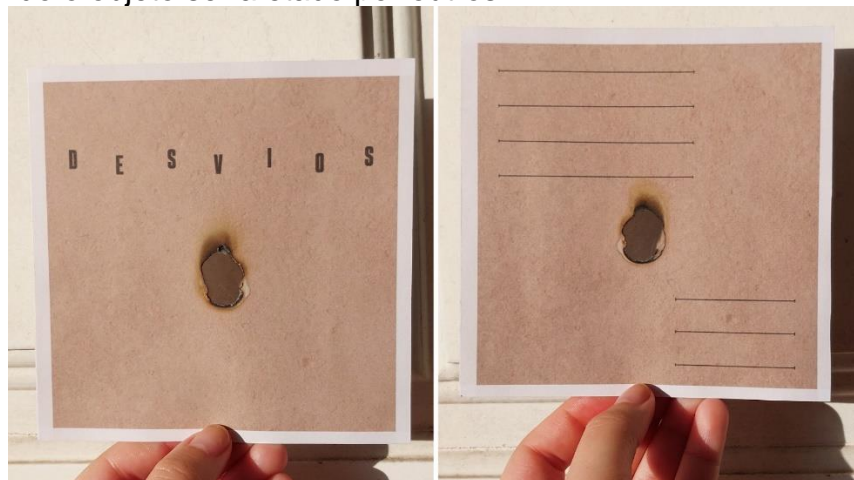


Figura 1. Frente e verso do postal *Desvios de Mim*. Arquivo pessoal, 2023.

Que outros? O postal se agarra no vaivém entre os outros indivíduos e eu. Portanto, os desvios se dão nos encontros com os outros; aqui me refiro a outros corpos, outros objetos, outras paisagens, outros cotidianos.

O rasgo em conjunto com a queima dá um aspecto de destruição e ruína, a chama do fogo deu conta de trazer um lado devastado. Estava mesmo à procura dessa estética, uma vez que acredito contemplar esse lado da perda, que eu havia mencionado no início do texto. O pedaço faltando é isso. Já o que pode ser atravessado por esse rompimento, é o que me faz continuar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Elida Tessler (2002, p. 107) ao comentar sobre seu trabalho intitulado “Sobras”, demonstra que para ela fica “evidente a existência de um medo: o medo da perda; a questão que se impõe agora é a seguinte: de qual perda estamos falando?”. Provocada com a pergunta, considere a questão pertinente no meu processo.

A perda, o rasgo, o vazio, também estão fazendo parte do meu trabalho. A perda, nesse sentido, talvez seja a necessidade de deixar pedaços para me encontrar em outros. Me fazer em outros corpos, me refazer, “lá, onde há sensibilidade, carne ou nervo exposto, há também possibilidade de construção de um novo corpo” (TESSLER, 2002, p. 106). Podemos observar um pouco, na figura 2, ativamente o que estou querendo dizer.

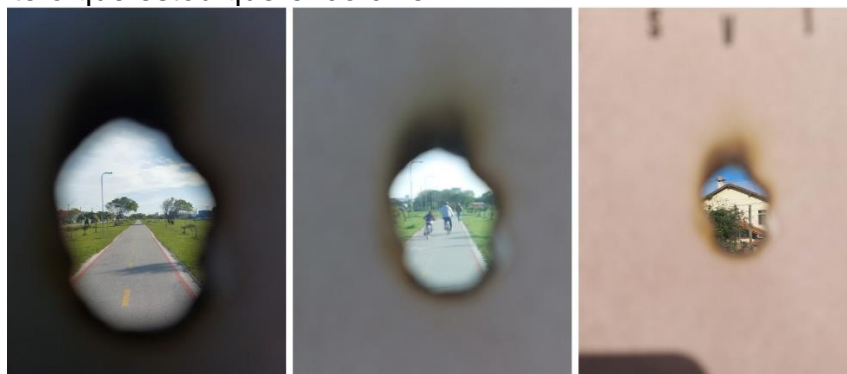


Figura 2. Postal *Desvios de Mim*. Arquivo pessoal, 2023.

Na pequenez do meu próprio território, como estranhar esse lugar? Entendendo que esse território transita entre o íntimo e o público, entre o micro e o macro, o meu território está tanto na pequenez quanto na amplitude. Então, o estranhar faz parte do processo de descobrimento de uma nova perspectiva até então não percebida. Essa fissura vem para fazer refletir outros modos de fazer e pensar o meu corpo-cotidiano.

No corpo artístico desse texto, trago para o debate duas artistas no qual se alinham por estes pensamentos que me transpassam: Karina Dias e Eduarda Gonçalves. As práticas artísticas de Karina Dias se debruçam sobre pensar o cotidiano e a paisagem sob uma nova perspectiva, “a paisagem cotidiana é o cerne, o motivo permanente, da minha prática artística” (DIAS, 2011, p. 3771). Em alguns de seus trabalhos, a artista priva o espectador de ver a paisagem por completo, deixando apenas um recorte da imagem capturada.

Karina entende o detalhe como um micro-evento, “ele é aquilo que inquieta nossa maneira de ver, é resistência a uma certa ordem cotidiana, é relevo, é fissura” (DIAS, 2008, p. 1805). A artista compreende que seus trabalhos exigem um deslocamento do olhar, tanto do espectador quanto o dela,

como um viajante, atravessar o espaço que nos envolve é então habitá-lo, implicar-se, aproximar-se para focalizar os detalhes que nos engajariam em uma nova percepção. Novamente, aproximação e tomada de distância, em que, pelo olhar, uma situação em perspectiva se concretiza, trazendo em si a profundidade necessária para que o espaço a nossa volta ganhe em espessura...densidade e intensidade, despojamento e atenção. (DIAS, 2011, p. 3780)

Pode se entender viajante enquanto sujeito que se desloca de uma perspectiva a outra, fazendo uma ruptura com a estrutura do espaço que está habituado, e a partir disso, habitar nesse mesmo espaço, que agora já é outro, transformado pelo olhar viajante. Aqui se fala em viajante em termos de se deslocar no tempo, porém ao pensar na produção *Desvios de Mim*, enquanto arte postal, ela também se desloca no espaço.

Para a artista Eduarda Gonçalves, a pandemia trouxe uma ruptura em sua pesquisa e prática artística. Ela conta que até março de 2020 as “motivações para a criação, eram oriundas do jeito e do gesto de estar deslocando-me pelas ruas de Pelotas e arredores e olhando para tudo e de um outro modo” (2022, p. 2). Eduarda é atravessada pela paisagem e o cotidiano, tendo sua pesquisa e diversos trabalhos apontados para essa temática como a criação “Cartões de vista mirante”, desenvolvidos desde 2002, a produção consiste num cartão que possui um orifício, levando aos espectadores enquadrarem suas próprias perspectivas através da fissura.

Assim, em 2021, surgiu sua produção intitulada “Ecdise ou muda de artista”, a produção traz consigo o peso do isolamento social, e a dificuldade entre distinguir o corpo da casa, a casa do corpo. Como se diante de tanto tempo no mesmo ambiente, a casa e o corpo fossem uma coisa só. A produção possui em sua visualidade o rasgo, o vazio, e o corpo que preenche.

4. CONCLUSÕES

Criar para entender o próprio mundo. *Desvios de Mim* vem sobre buscas intensas da criação, destruição, e reconstrução do corpo artístico. Borbulha dos

pensamentos sobre minha cotidianidade, “os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns” (CERTEAU, 2008, p. 35). Me encontro e habito nas ações cotidianas, simples e rotineiras. Meu território, corpo, casa, se constroem a partir da observância detalhada no viver, no sentir, no querer. Meu corpo compreende que muito melhor que responder perguntas é estar na constante indagação de: como é existir dentro desse corpo?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERTEAU, MICHEL. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invinc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>> Acesso em: 05 de setembro de 2023
- DIAS, Karina. **A prática do banal, uma aspiração paisagística**. In: 20º ANPAP - Subjetividade, Utopias e Fabulações, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf> Acesso em: 05 de setembro de 2023
- _____. **Notas sobre paisagem, visão e invisão**. In: 7º Encontro Nacional ANPAP. Panorama da pesquisa em artes visuais, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/163.pdf>> Acesso em: 05 de setembro de 2023
- GONÇALVES, Eduarda Azevedo. **Ecdise ou muda de artista**. In: Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Anais...Recife(PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513527-ECDISE-OU-MUDA-DE-ARTISTA>>. Acesso em: 05 de setembro de 2023
- LANCRI, JEAN. **Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206759?locale-attribute=en>> Acesso em: 05 de setembro de 2023
- SARAIVA, Marina. **Territórios dos sentidos**: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea. Revista Espaço Acadêmico, 11(132), 21-29. (2012). Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/16881>> Acesso em: 05 de setembro de 2023
- TESSLER, ELIDA. **Coloque o dedo na ferida aberta ou a pesquisa enquanto cicatriz**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (Coleção Visualidade; 4.). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206759?locale-attribute=en>> Acesso em: 05 de setembro de 2023